

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E PERSPECTIVAS HISTÓRICAS EM *ANTES DE NASCER O MUNDO*, DE MIA COUTO

CULTURAL REPRESENTATIONS AND HISTORICAL PERSPECTIVES IN *ANTES DE NASCER O MUNDO* BY MIA COUTO

Inara de Oliveira Rodrigues¹

RESUMO: A proposta central desta análise consiste em evidenciar que no romance *Antes de nascer o mundo* (2009), de Mia Couto, encontramos o sentido de sobrevivência inscrito no sentido de resgate da memória, que se traduz em representações culturais a partir de certas perspectivas históricas e críticas que o autor trata de elencar como mais significativas para seu projeto literário. Entendemos que problematizar a obra literária de Mia Couto nos leva a refletir sobre a dimensão política da arte e, nessa reflexão, podemos afirmar a fundamental importância de diálogos efetivamente democráticos no campo da cultura, em sentido alargado.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Moçambicana. História/Ficção Literária. Arte e política. Representações culturais.

No diálogo da arte literária com a vida, estabelecem-se nexos de uma inter-relação irrevogável entre o discurso ficcional e o discurso da história. Considerando-se esse pressuposto, apresentamos uma análise sobre *Antes de nascer o mundo* (2009), romance de Mia Couto, com o objetivo de evidenciar o sentido de sobrevivência inscrito no texto como sentido de resgate da memória. Trata-se do resgate da memória de tempos, de linguagens, de espaços, que se traduzem em representações culturais a partir de certas perspectivas históricas e críticas que o autor trata de elencar como mais significativa para seu projeto literário.

Uma primeira questão a considerar relaciona-se com os percursos atuais das literaturas africanas de língua portuguesa. Se já não há uma demarcação mais explícita de questões ligadas a problemáticas eminentemente vinculadas a perspectivas nacionalistas, se as questões identitárias não passam mais de forma privilegiada pela literatura, mantém-se, entretanto, no presente, a problematização de projetos emancipatórios, sublinhando-se, certamente, a grande diversidade entre os Cinco. Nesse viés, cabe reafirmar, com Jane Tutikian, que “a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” e, desse modo, “[...] a partir da própria confluência de espaço e tempo, de diferenças culturais, marcada por inclusões e exclusões, colaborações e contestações, a identidade nacional (política e cultural) ganha outra face, novos signos” (2006, p. 26).

¹ Doutora em Letras, Professora do Curso de Letras e do Mestrado em Letras Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus/BA). E-mail: inarabr@uol.com.br

De forma semelhante, para Inocência Mata, “O que as literaturas africanas intentam propor nestes tempos pós-coloniais é que as identidades (nacionais, regionais, culturais, ideológicas, socioeconômicas, estéticas) gerar-se-ão da capacidade de aceitar as diferenças” (2008).

Nesse processo, a construção histórica, nunca concluída, está sujeita a novas interpretações, à reunião de seus fragmentos em outro contexto temporal, fazendo-se imprescindível, à concretização de tal objetivo, o resgate da voz dos silenciados. Resulta daí o papel da memória tornar-se tão relevante, pois ela é, segundo Le Goff (2003, p. 469), elemento essencial no processo de formação identitária, individual e coletiva. Seguindo-se o autor francês, a memória, embora fenômeno individual e psicológico, também está relacionada à vida em sociedade. Sua apreensão depende “do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo” (p. 419). E adiante potencializa o caráter político desse processo:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (p. 426).

Mnemosyne era, para os gregos, a deusa identificada com a “‘mãe das musas’, divindades responsáveis pela memória-lembrança e inspiradoras da imaginação criativa dos artistas e poetas” (FELIX, 2002, p. 23). Torna-se relevante, assim, reconhecer que a palavra poética é inscrita e inscreve esse processo da lembrança/esquecimento. Como inscrição, a escritura é, por definição, “um espaço, uma estrutura de ausência, na qual é possível inscrever (graphein) lugares (topoi) e seus tempos, espaços e suas distâncias que podem se enfrentar e se completar, numa espécie de arquitetura deslocada, fragmentada e enigmática” (RAVETTI, 2009, p. 159). Sua “decifração” pode assemelhar-se ao reconhecimento de códigos das “cartografias literárias e culturais [...] [que] mapeiam histórias e tradições em movimento, cujas versões e sentidos dependem dos referenciais de onde são enunciadas” (BITTENCOURT; SCHMIDT, 2004, p. 15).

Nas relações entre espaço e cultura, erige-se, assim, a noção de topografia da memória, entendida como lugar no qual se entrecruzam as subjetividades individuais e as referências coletivas; nesse caso, “o tratamento do espaço, a par de sua materialidade, adquire uma dimensão intensamente simbólica” (BRANDÃO, 2005). Ainda segundo Brandão (2005),

trata-se de um espaço de identidade, marcado não apenas por convergências de interesses, valores e ações conjugadas, mas também por divergência, conflito e embate. Se, como o espaço, toda identidade é relacional, pois só se define na interface com a alteridade, é intrinsecamente político seu principal predicado.

Por isso, entendemos que estudar a obra literária desses autores moçambicanos nos leva a refletir sobre a dimensão política da arte e, nesse sentido, ponderar sobre as práticas socioculturais que vivemos, afirmando, desse modo, a fundamental importância de diálogos efetivamente democráticos. Além disso, por mais que, felizmente, seja crescente o número de estudos e publicações sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, fato é que ainda estamos longe de uma (re)conhecimento recíproco de igual medida. Ainda conhecemos relativamente muito pouco Moçambique e seu povo, com o qual temos aproximações por um passado comum e com o qual deveríamos ter laços mais fortes no presente para a construção desse diálogo democrático.

1 LINGUAGENS, ESPAÇOS E SERES EM *ANTES DO NASCER DO MUNDO*

Para a análise do romance moçambicano em foco, consideramos alguns elementos que permitem reconhecer traços distintivos da expressão literária de Mia Couto em diálogo com o mundo da vida. Na esteira das proposições de Fernando Noa (2006), destacam-se três elementos: as linguagens, os espaços, os seres. Sobre o primeiro, Noa afirma: “[...] é muito do apelo das linguagens materializadas nas múltiplas falas, atitudes e procedimentos que vive o emergente romance moçambicano. Linguagens que se entrecrocaram, que se cruzam, que conflituam, que dialogam ou que se incompatibilizam” (2006, p. 269). No caso dos espaços, deve-se considerar as figurações da cidade, do subúrbio e do campo como as que se impõe na ficção moçambicana (NOA, 2006, p. 271).

Sobre a representação dos seres, “quase todos oscilam entre a individualização e a socialização, fato que pode ser observado nas atitudes, nas ações que executam, os dramas que protagonizam, nas falas que realizam e nos nomes que ostentam”. E em relação a esse último aspecto, Noa considera que, “[...] sintomaticamente é no nível da onomástica que as diferentes personagens encontram a sua razão de existir individualmente” (NOA, 2006, p. 273), [...], pois, prefigurando uma enorme carga indicial, os nomes jogam um papel relevante no entendimento dos percursos existenciais das personagens e, em última instância, da própria história (NOA, 2006, p. 274).

Dividido em três livros, a *Humanidade*, a *Visita* e as *Revelações e regressos*, precedidos de poemas de Sophia de Melo Breyner Andresen, Hilda Hilst, Adélia Prado, e

Alejandra Pizarnik que lhes servem de epígrafe, o último romance de Mia Couto problematiza, segundo o autor em entrevista a Folha de São Paulo (2009), “a impossibilidade de renascermos do zero e da absoluta negação do que já fomos”. Essa é a tentativa desesperada de Silvestre Vitalício ao decidir morar com seus dois filhos, Mwanito e Ntunzi, num local ermo da savana de Moçambique, acompanhado do criado, ex-militar Zacarias Kalash, e tendo por contato com o mundo apenas as visitas esporádicas do seu cunhado, o tio Aproximado. Além deles, apenas a jumenta Jezabela, “tão humana que afogava os devaneios sexuais” de Vitalício² (p. 12), vivia nesse lugarejo masculino batizado pelo patriarca de Jerusalém: “a terra onde Jesus haveria de se descruificar” (p. 11), como define Mwanito no primeiro parágrafo do romance, e onde Deus voltaria para pedir desculpas.

Os caminhos e descaminhos dessa trajetória de isolamento e solidão, marcados pela morte de Dordalma, mãe dos meninos, são narrados, principalmente, pelo caçula, Mwanito, para quem o pai explicara que o mundo terminara e eles eram “os últimos sobreviventes.” (p. 11) Nesse mundo em extinção, no qual viviam há oito anos, estava proibido sonhar e lembrar, e Vitalício tratou de rebatizar a todos: “Rebatizados, nós tínhamos outro nascimento. E ficávamos mais isentos do passado” (p. 37).

O passado traumático que a utopia negativa de Silvestre Vitalício pretendia apagar era tanto a morte violenta da mulher, quanto a guerra que, conforme Mwanito, “roubou-nos memórias e esperanças” (p. 44).. Entretanto, foi no paiol com armas e despojos da guerra que o menino aprendeu a ler com o irmão, um ato proibido pelo pai, que não permitia a entrada, em Jerusalém, “de livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita” (p. 41). Pois a escrita seria “uma ponte entre tempos passados e futuros [...]” (p. 43).

Para o irmão mais velho, Ntunzi, o único desejo era escapar daquele lugar e do jugo paterno, e assim procurava formas de transgredir as ordens impostas pela, como considerava, tirania do pai. Entretanto, também não alcançava meios de vencer suas próprias dúvidas, e acabava cedendo às contingências de sua dependência afetiva com os únicos laços familiares que possuía.

Esse universo entrecortado de interdições e impossibilidades vê-se abalado, entretanto, com a chegada de Marta, uma mulher que se desloca para a savana à procura da cura para sua perda. No subcapítulo do livro 2, sintomaticamente intitulado “Os papéis da mulher” (p. 150), Marta se torna a narradora de sua história, a história da perda de seu grande amor.

² COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Todas as demais citações foram retiradas dessa edição, passando-se a indicar apenas o número das páginas respectivas.

A presença daquela mulher ameaçava o poder misógino de Vitalício: “Ela era uma mulher, uma mulher branca e estava desafiando a autoridade do velho, expondo perante os filhos a sua fragilidade de pai e de homem” (p. 151).

Entretanto, a verdadeira ameaça partira do interesse econômico de estrangeiros pela terra, como aparece no diálogo entre Silvestre e o tio Aproximado:

- Os Serviços de Fauna deram concessão a uns privados estrangeiros. Você vai ter que sair.
- Deve estar a brincar. Esses estrangeiros privados, quando chegarem, que falem comigo.
- Você vai ter que sair antes.
- Engraçado, eu esperava que Deus viesse a Jerusalém, Afinal, quem vai chegar são estrangeiros privados.
- [...]
- Não esqueça, cunhado, lá fora há um mundo. E esse mundo mudou. É a globalização... (p. 183).

Desse modo, tem início o fim dos planos do enlouquecido Vitalício, que passa a viver como um autômato, sem “alma e sem fala” (p. 230) na casa urbana de onde havia partido para reiventear o mundo. E esse desequilíbrio nas relações internas do grupo masculino é causado, “Mais uma vez” pela mulher que “provoca o abandono do paraíso” (BETTENCOURT, 2011): o grupo regressa à cidade e, ali, as lembranças, os sonhos, os sinais do passado e o amor feminino passam a imperar. Somente Vitalício permanece obstinado em seu mutismo, incapaz de conseguir que a chaga aberta pela morte da mulher cicatrize. Entretanto, conforme Lucia Bettencourt,

Somente o silêncio de Mwanito se modifica: ele afina os silêncios alheios em sua própria história, numa narrativa que só pode ser corretamente interpretada quando todos perceberem que as verdades de cada um não excluem a dos outros e que, pelo contrário, cada versão da verdade ilumina um aspecto da realidade, dando-lhe mais relevo (BETTENCOURT, 2011).

Assim, aos poucos, fica-se sabendo, acompanhando as descobertas de Mwanito, dos fatos que encobriam a morte de sua mãe, da filiação de Ntunzi ao militar Zacarias, seguindo-lhe a carreira, e os desdobramentos da vida ‘real’ que, enfim, tornam mais nítidas as recordações do tempo de “Jesuslém”, agora registradas em livro.

Ao término da história, podemos concordar com a ideia de que se trata, nesse romance,

de uma quase parábola que tem suas raízes na realidade moçambicana, vista e interpretada por Mía Couto. Suas andanças o fizeram perceber duas coisas que estão

presentes em seu país e no romance: a maneira de lidar com um passado traumático, que leva as pessoas a obliterá-lo, e a impossibilidade de voltar a um isolamento total neste mundo cada vez mais globalizado e integrado. Mesmo quando se deseja o isolamento e o esquecimento, a história e a vida ressurgem e impedem que esse tipo de vida em negativa se perpetue (BETTENCOURT, 2011).

Entretanto, como observa o autor: “nunca antes pudemos contactar tanto [mas]. A verdade é [que] falamos muito pouco, se pensarmos que falar é trocar parte das nossas almas. Nunca houve tanta avenida e tanta via rápida. Mas nós nunca antes nos visitamos tão pouco” (COUTO, 2011). Nesse vazio de sentidos da existência, as viagens das personagens de *Antes de nascer o mundo* são metáforas para a busca de identidades próprias.

Assim, podemos reconhecer em Mia Couto um dos principais representantes desse processo dialógico crítico: em *Antes de nascer o mundo*, apresentam-se os conflitos identitários, numa realidade que parece suspensa tanto de sentidos pela incomunicabilidade dos excessos, quanto de futuro, pelo também insustentável excesso de presente.

Entretanto, parece não subsistir, afinal, uma perspectiva desenganada, pois há que se fazer renascer o mundo constantemente: no entrecruzar de vozes marcadas pelo silêncio, erige-se uma linguagem plural e dissonante, no contraponto entre o passado e a força da oralidade, e o presente que aponta para o futuro na memória escrita que, afinal, pode ser revisitada.

No trânsito da cidade para o interior e no derradeiro retorno à vida urbana, os espaços ganham significação alargada: a cidade é o local da luta e da potencialidade da morte, o isolamento na savana transforma-se na tentativa de suspensão do próprio tempo, mas as contingências históricas são incontornáveis e o regresso à cidade é o retorno ao mundo possível e que precisa ser reinventado.

Nesse mundo, movem-se os seres à procura de si mesmos – e nele, como afirma Mia Couto, “Talvez a paixão e o amor (temos quase medo da palavra amor) sejam a única possibilidade de nos reinventarmos no tempo que nos foi dado viver” (2009).

Ao fazermos esse percurso de análise, podemos afirmar que o narrador-protagonista, Mwanito, de Mia Couto, constroi e revive, pela escrita, sua história e demarca, nesse sentido, a importância da narrativa literária. Nas palavras de Beatriz Sarlo:

Se tivesse de falar por mim, diria que encontrei na literatura (tão hostil a que se estabeleçam sobre ela limites de verdade) as imagens mais exatas do horror do passado recente e de sua textura de ideias e experiências. [...] A literatura, é claro, não dissolve os problemas colocados, nem pode explicá-los, mas nela um narrador sempre pensa de fora da experiência, como se os humanos pudessem se apoderar do pesadelo, e não apenas sofrê-lo (2007, p. 117).

Desse modo, a história do “cria-dor”, ao ser revivida pela escrita literária, garante sentidos que não se pretendem exemplares, mas que estabelecem um diálogo com a vida presente em direção a possíveis encontros nos quais a inquietação seja a tônica de renovadas perspectivas críticas e emancipatórias.

Parece apropriado, assim, terminarmos com um poema, reflexão lírica desse autor tão relevante para a literatura de seu país:

POEMA DA DESPEDIDA

Mia Couto

Não saberei nunca
dizer adeus

Afinal,
só os mortos sabem morrer

Resta ainda tudo,
só nós não podemos ser

Talvez o amor,
neste tempo,
seja ainda cedo

Não é este sossego
que eu queria,
este exílio de tudo,
esta solidão de todos

Agora
não resta de mim
o que seja meu
e quando tento
o magro invento de um sonho
todo o inferno me vem à boca

Nenhuma palavra
 alcança o mundo, eu sei
 Ainda assim,
 escrevo³.

ABSTRACT: The aim of this analysis is identifying in *Antes de nascer o mundo* (2009) by Mia Couto the sense of surviving found in his work which tends to bring back the memory that results in cultural representations based on some critics and historical perspectives which are considered by the author as the more relevant to his literary project. The understanding is to discuss the literary work of Mia Couto in order to make a consideration about the political art aspect getting it from the understanding that is possible to recognize the essential importance of the democratic dialogues in the culture field considering it in wide sense.

KEYWORDS: Mozambican literature. Literary history/fiction. Art and politics.

REFERÊNCIAS

BETTENCOURT, Lúcia. Romance do escritor Mia Couto aborda isolamento de Moçambique. In: *Jornal do Brasil*. Cultura. 2011. Disponível em: <<http://migre.me/hLgsu>>. Acesso em: dez. 2012.

BITTENCOURT, Gilda; SCHMIDT, Rita Terezinha. Apresentação. In: _____; MASINA, Léa (Orgs.). *Geografias literárias e culturais: espaços/ temporalidades*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

BRANDÃO, Luís Alberto. Cultura e espaço na Teoria da Literatura. *Via Atlântica*, n. 8, dez. 2005. Disponível em: <<http://migre.me/hLcqI>>. Acesso em: jan. 2009.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. Entrevista ao *Estadão*, em 25 de junho de 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,mia-couto-trata-da-identidade-como-essencia-humana,392707,0.htm>>. Acesso em: out. 2013.

FELIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, João Carlos. *Usos e abusos da memória*. Passo Fundo, RS: UPF, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003.

MATA, Inocência. A crítica literária africana e a Teoria Pós-colonial – um modismo ou uma exigência? In: _____. *A literatura africana e a crítica pós-colonial – reconversões*. Luanda: Nzilla, 2008. p. 27-45.

³ *Raíz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.

NOA, Francisco. Modos de fazer mundos na atual ficção moçambicana. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania. (Orgs.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006, p. 267-274.

RAVETTI, Graciela. *Topografias da cultura*. Representação, espaço e memória. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Hozinte: Ed. UFMG, 2007.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.